

Seus amplos recursos literários, no entanto, levam-no a um certo exagêro no lançamento de novos neologismos científicos, como geomedicina, geoeconomia, biopolítica, "geopsiché" (êste adotado de um autor alemão), que soam a pedantismo científico e que não condizem com as novas tendências científicas que reagem hoje inclusive contra o dualismo geografia física-geografia humana, vindo na geografia uma unidade sistemática, que tem por objeto o estudo do "homem habitante" MAURICE LE LANNOU).

É de se lamentar também que, num tratado de geopolítica, o A. se limite a declarar (pág. 79) que a geopolítica não pertence propriamente à ciência geográfica, sem qualquer motivo. O que se tem hoje assentado é justo, o contrário: a geopolítica é um ramo da geografia humana, e, como tal, uma ciência das coisas e de sua localização na superfície terrestre. A localização, característica distintiva da ciência geográfica, é evidente traço definidor da geopolítica que, no dizer de GRIFFITH TAYLOR, "views space from the standpoint of the "state". — CID REBÊLLO HORTA.

AUSTIN F. MACDONALD: *Latin American Politics and Governments*. — T. Crowell Co., New York, 1949, VII, 642 pgs.

FM fins de 1948, tive minha atenção voltada para curioso anúncio em revista especializada americana, noticiando o próximo aparecimento dêste livro. Dizia êle: "É um texto completamente novo, pondo em destaque mais as realidades políticas de cada país da América Latina do que a forma do govêrno, baseada no estudo das constituições e de outros documentos oficiais. Para cada Estado é a seguinte a distribuição aproximada do espaço disponível: 15 % para o estudo dos fatores históricos, geográficos e econômicos; 20 % para a forma de govêrno; e 65 % para a política contemporânea e líderes políticos. Esta distribuição permite o reconhecimento adequado do importantíssimo fator das personalidades, em contraste com a relativa insignificância das formas de govêrno naqueles países."

O anúncio, dentro de forma tipicamente americana, mais parecendo oferta de automóvel do que de livro, foi plenamente justificado, pois o tratado do Professor MAC DONALD é de fato uma novidade entre os manuais de ciência política para a América Latina. Os nossos estudiosos e publicistas teriam muito a usufruir de sua leitura, que oferece novas perspectivas e sobretudo novo método de tratamento de assunto em regra um pouco desinteressante e formalista, como é a análise das formas de govêrno mais ou menos semelhantes das várias repúblicas dêste hemisfério. Estamos habituados aos tratados de direito constitucional, que não dispõem de tradição mais viva para se aventurarem a analisar a vida política e as personalidades. O Professor MAC DONALD não se detem e procura satisfazer a nossa curiosidade.

Restringir-me-ei de propósito aos capítulos referentes ao Brasil, que ocupam 75 páginas. Se a apreciação dos antecedentes históricos é sumária, satisfaz o objetivo de preparar o leitor para a compreensão do regime atual. A preocupação constante de relacionar os fatos políticos com a estrutura social e econômica permite interessantes conclusões, pois só o aumento mencionado da indústria, que cresceu sete vezes de 1920 para cá, justifica supor que as tensões operárias atuarão no cenário político atual com relêvo e intensidade.

O A. se detem mais a gosto no exame do Estado Novo, no relato dos acontecimentos de 1945 em diante e na análise do atual regime republicano. Finalmente, um capítulo resume as linhas mestras da Constituição de 1946.

O estudo sumário do Brasil, suas instituições e seu governo completa-se com as apreciações desabusadas do Professor MAC DONALD sobre a generalidade dos regimes latino-americanos, no capítulo inicial do livro, intitulado — *Ditadores e Democratas*. Ali, expõe suas doutrinas sobre os Estados da América Meridional, com ar protetor comum entre americanos que se dizem versados sobre coisas do lado de cá do Equador. Começa sugerindo que o governo por revolução é quase a regra na América Latina, para dizer que ainda hoje são poucos os regimes verdadeiramente democráticos entre nós e assim considera somente os governos do Uruguai, Chile, Costa Rica e Colômbia. Muitas causas concorrem para semelhante situação, podendo ser enumeradas, entre outras, a falta de educação, as eleições fraudulentas, o caudilhismo e a pobreza das populações um pouco esquecidas pelos dirigentes.

Chama a atenção para a importância da figura de presidente em qualquer das nossas repúblicas, cujas constituições erigem o Executivo em instituição de força desconhecida entre os anglosaxões. A parte desempenhada pelo presidente na formação das Leis é considerada surpreendente para o estudioso americano, assim como o controle que exerce sobre os orçamentos.

De qualquer maneira, o método do Professor MAC DONALD, conquanto o leve a considerar a América Latina na infância da democracia e a tratar a matéria com benévola ironia, permite verificar que é necessário melhorar os nossos sistemas de exposição dos problemas de governo e constituição, dando-lhes um pouco mais de vida e de atração. Falta talvez ao livro em exame maior interesse pelos fatores econômicos, mas as referências gerais à estrutura econômica evocam a importância desses elementos. — ORLANDO M. CARVALHO.